



Educação Unisinos

E-ISSN: 2177-6210

revistaeduc@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

Dias da Silva, Roberto Rafael
Cosmopolitismo e políticas de escolarização
Educação Unisinos, vol. 17, núm. 1, enero-abril, 2013, pp. 75-77
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449644345010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Cosmopolitismo e políticas de escolarização

Cosmopolitanism and education policies

Roberto Rafael Dias da Silva
robertoddsilva@yahoo.com.br

POPKEWITZ, T.S. 2009. *El cosmopolitismo y la era de la reforma escolar*: Madri, Morata, 227 p.

Thomas Popkewitz apresenta-se contemporaneamente como um dos mais perspicazes analistas das políticas de escolarização. Suas pesquisas, produzidas ao longo das últimas décadas, adquiriram importante repercussão internacional. No Brasil, de maneira específica, foram suas investigações sobre as reformas educacionais que mais contribuíram para a difusão de seus estudos. No presente texto, apresentamos e comentamos uma de suas obras mais recentes, *El cosmopolitismo y la era de la reforma escolar*, pesquisa publicada originalmente no ano de 2008.

Após uma revisão de literatura acerca da escolarização moderna, Popkewitz percebeu que a ideia e a aspiração ao cosmopolitismo se apresentavam com muita recorrência nos estudos pedagógicos desde o final do século XVIII. A possibilidade de educar tomando o cosmopolitismo em uma dimensão teleológica evidenciava-se nos sentidos educacionais de uma fé “no potencial emancipador da razão humana e da ciência” (p. 11). Uma das versões mais radicais do cosmopolitismo, em que esse se constitui em uma tese cultural, sugere a fabricação de um modo de vida universal que se propõe a libertar os indivíduos do provincialismo, do nacionalismo e dos dogmas teológicos. Tal fabricação faz sentido em um cenário em que liberdade e cosmopolitismo se associam, exigindo “razão e racionalidade (ciência), junto com noções de agência (*agency*) e progresso que preenchem o futuro de esperança” (p. 11).

Popkewitz não privilegia a produção de uma análise das origens dessa tese cultural, mas pretende estabelecer uma análise “da política do conhecimento que ela inscre-

ve nas práticas escolares” (p. 11). Examina também os modos pelos quais a razão cosmopolita se faz presente nos estudos sobre as reformas educacionais, a formação docente e as políticas de inclusão. A tese desenvolvida torna visível um conjunto de qualidades e características que a Modernidade prescreve aos sujeitos que inventa. Porém, destaca que tais ideais não são produtos gratuitos ou aleatórios, nem mesmo categorias transcendentais; antes disso, são práticas administrativas.

A abordagem proposta toma a escolarização como alvo privilegiado. Isso “requer uma reflexão sobre a maneira em que se reúnem e se conectam as distintas práticas históricas e explora seus limites na configuração e na formulação de nossos conceitos de humanidade e progresso” (p. 12). Em uma leitura foucaultiana, propõe-se a realizar uma “história do presente”, procurando diagnosticar como os princípios do cosmopolitismo, produzidos desde o século XIX, inscrevem-se nas políticas de produção do conhecimento escolar.

Para cumprir a agenda proposta, Popkewitz organiza o livro em duas partes, cada uma composta por quatro capítulos. A primeira parte analisa a pedagogia e as ciências da educação produzidas entre os séculos XIX e XX. Pensadores como John Dewey, Edward Thorndike e Stanley Hall são retomados no contexto de desenvolvimento de uma educação progressista. Ao estudar as reformas educativas do início do século XXI, na segunda parte do livro, o autor examina os modos pelos quais os princípios do cosmopolitismo se atualizam nas pedagogias contemporâneas.

Na primeira parte do livro, o pesquisador propõe-se a estudar a produção das ciências da educação no período entre o final do século XVIII e o século XX. A análise das tramas históricas instituídas naquele período permite que Popkewitz reconheça que o cosmopolitismo se trata de um discurso sobre a salvação articulado com “diferentes práticas sociais e culturais que se filtraram nas psicologias pedagógicas e na sociologia em relação com uma educação progressista” (p. 57). Nesse sentido, o autor explora o planejamento da criança como um “futuro cidadão cosmopolita”.

Seu percurso analítico parte da emergência das noções puritanas sobre o Novo Mundo, assim como de sua transformação posterior em relação ao conceito de nação do excepcionalismo americano. O sujeito aqui delineado era caracterizado pelas noções de nação e de comunidade. Pertencer a determinada nação e nela sentir-se incluído apresentava-se como uma temática pedagógica fundamental, visto que a esperança de uma sociedade que incluísse a todos era uma forte pauta social. Porém, tal esperança acerca de uma sociedade inclusiva também trazia à tona um conjunto de indivíduos que estavam de fora do cosmopolitismo, um conjunto de cidadãos que precisavam ser resgatados.

Ao analisar o excepcionalismo americano como uma narrativa épica da nação, fortemente conectada com as teses culturais do cosmopolitismo na pedagogia, Popkewitz torna visível uma sofisticada trama governamental. A fabricação da unidade imaginada para a nação americana ocorria de forma articulada ao projeto “da razão como principal intervenção humana” (p. 58). Tal cenário permite a emergência das ciências da educação. Para tanto, ao inseri-las nas práticas governamentais modernas, o pesquisador assinala que “a ciência é uma prática que ordena, classifica e diferencia o mundo mediante suas teorias e metodologias de investigação” (p. 58). Assim, a pedagogia, ao produzir princípios sobre a aprendizagem e o desenvolvimento infantil, produz estratégias governamentais por meio das quais os sujeitos devem pensar e agir coletivamente.

Ao articular as noções de aprendizagem e comunidade, o autor evidencia os gestos duplos que perfazem a constituição das práticas educativas. Ao mesmo tempo em que delineia os princípios para a formação cosmopolita dos cidadãos do Novo Mundo, a pedagogia também opera como uma tecnologia moral produtora “de uma reorganização dos modos de vida da família, das crianças imigrantes e daqueles afroamericanos que se mudaram para as cidades” (p. 59). A emergente ciência da educação operaria nos problemas urbanos de desordem moral.

Acerca disso, Popkewitz apresenta o conceito de processos de abjeção. “As reformas pedagógicas e a

ciência diferenciaram e separaram as qualidades dos ‘civilizados’ daqueles que estavam deslocados dessa condição” (p. 59). Segundo o autor, a abjeção constitui-se no deslocamento e na exclusão das qualidades próprias dos sujeitos que estão de fora dos espaços fabricados para a inclusão. Ainda que sejam reconhecidas as características dos grupos excluídos nas políticas de escolarização, tal reconhecimento é diferenciado e circunscrito a espaços determinados. Tratar pedagogicamente de determinadas populações implica permanentes gestos de esperança no futuro, visto que sua atual condição é perigosa.

Na segunda parte do livro, Popkewitz trata dos modos pelos quais os princípios do cosmopolitismo se atualizam nas pedagogias contemporâneas. Examina “as conexões do cosmopolitismo enquanto princípios reguladores das reformas escolares contemporâneas, da formação docente e das ciências da educação” (p. 127). O cosmopolitismo de hoje refere-se diretamente ao estudante permanente que deverá atuar como um cidadão global. O sujeito fabricado sob essas condições busca atualizar-se e inovar permanentemente.

O novo cosmopolitismo apresenta deslocamentos em relação à sua versão do século XX, embora permaneça alicerçado nos processos de abjeção decorrentes da esperança em um futuro inciidente. Sofistica seus modos de atuação não apenas ao desejar que todas as crianças estejam na escola, mas também ao criar “um espaço de participação mística em um bem comum que, na realidade, diferencia e divide” (p. 128). A esperança ante o futuro traz consigo o reconhecimento do medo daqueles que ficaram de fora das estratégias de escolarização. As reformas educacionais produzidas nessa gramática política tomam como alvo os sujeitos, os currículos e as práticas pedagógicas.

No que tange os sujeitos, a tese do cosmopolitismo inconcluso sugere a constituição de um estudante permanente, evidenciado tanto na condução dos escolares, quanto nos discursos de reforma da docência e de sua formação. A aprendizagem permanente é posicionada como um modo de vida, desdobrando-se em noções amplamente difundidas na educação contemporânea, como a docência reflexiva, a resolução de problemas como artifício metodológico predominante e a escola como comunidade democrática. Acerca dos currículos escolares, Popkewitz centra-se “na alquimia dos *standards* escolares e de investigação nas disciplinas escolares” (p. 129). Sua análise enfoca os modos como os conhecimentos escolares são traduzidos e inscritos em currículos marcados pelos modos de vida cosmopolitas. Tais currículos são mobilizados a partir de ações normalizadoras. Sobre as práticas pedagógicas, encaminha-se para uma análise da centralidade da noção de “design”.

São estudadas algumas práticas de *design* de pessoas, desenvolvidas por meio da instrução e da investigação. As habilidades do empoderamento, as estratégias de inclusão escolar e as pesquisas e reformas baseadas em evidências são exemplares dessa questão apontados pelo autor.

Finalizando esta resenha, indicamos algumas produtividades desse livro para os estudos e pesquisas atualmente desenvolvidos acerca das políticas de escolarização. Considerando as condições do capitalismo contemporâneo, a leitura desse texto possibilita-nos um exemplar significativo de um estudo foucaultiano sobre a escola-

rização. A perspectiva de uma “história do presente” é materializada em uma investigação densa que mobiliza saberes históricos, políticos, filosóficos e pedagógicos com grande intensidade intelectual. Ao mesmo tempo, o autor desafia-nos a seguir estudando as políticas de escolarização a partir das estratégias políticas e econômicas que perfazem os raciocínios pedagógicos de nosso tempo. Por fim, ressaltamos que o livro nos oferece uma produtiva caixa de ferramentas. Parece-nos que um livro que impulsiona possibilidades de pensamento e que serve para pensar as práticas escolares contemporâneas precisa ser recomendado à comunidade educacional brasileira.

Roberto Rafael Dias da Silva
Universidade Federal da Fronteira Sul
Av. Dom João Hoffmann, 313, Bairro Fátima
99700-000, Erechim, RS, Brasil